

Índice

I. Veltchanínov	7
II. O senhor do fumo no chapéu	17
III. Pável Pávlovitch Trussótski	29
IV. A mulher, o marido e o amante	41
V. Liza	49
VI. Nova fantasia de um homem ocioso	61
VII. O marido e o amante beijam-se	69
VIII. Liza está doente	81
IX. O fantasma	87
X. No cemitério	97
XI. Pável Pávlovitch casa-se	105
XII. Em casa dos Zakhlebinin	115
XIII. Qual a margem que tem mais?	135
XIV. Sáchenka e Nádenka	143
XV. Quites	153
XVI. Análise	163
XVII. O eterno marido	173
Notas	185

I

Veltchanínov

Chegou o Verão e Veltchanínov, ao contrário do que era de esperar, ficou em Petersburgo. A sua viagem para o sul da Rússia frustrou-se e não se previa o fim do processo. Esse processo — o litígio por causa da propriedade — tomou um rumo muito feio. Ainda três meses antes parecia extremamente simples, quase sem discussão; mas, sem que se saiba porquê, tudo mudou. «E de um modo geral tudo começou a mudar para pior!» — Veltchanínov começou a repetir muitas vezes para si mesmo esta frase com malévola alegria. Recorreu a um advogado hábil, caro, conhecido, sem poupar dinheiro; mas, devido à impaciência e à desconfiança, deu em ocupar-se ele próprio do caso: lia e escrevia papéis que o advogado rejeitava, corria às repartições públicas, apresentava certificados e, provavelmente, atrapalhava tudo; pelo menos o advogado queixava-se e mandava-o para a *datcha*. Mas ele não se decidia a ir para a *datcha*. A poeira, o calor abafado, as enervantes noites brancas de Petersburgo — tais eram as suas delícias na cidade. O seu apartamento, recentemente alugado, era algures por trás do teatro Bolchoi, e também era um falhanço. «Nada corria bem!» A sua hipocondria aumentava de dia para dia; mas ele já era, há muito tempo, propenso à hipocondria.

Era um homem que já tinha vivido muito e intensamente, que já não era muito novo, de trinta e oito ou trinta e nove anos, e toda essa «velhice» — como ele próprio dizia — chegou-lhe de um modo «completamente inesperado»; mas ele próprio compreendia que tinha envelhecido não em quantidade, mas, por assim dizer, em qualidade de anos e que, se tinham começado as suas fraquezas, isso era mais no interior do que no exterior. À vista, parecia ainda robusto. Era um sujeito alto e sólido, de cabelo castanho-claro espesso e sem um único pêlo branco na cabeça, com uma barba ruiva longa, quase por meio do peito; à primeira vista, podia parecer um pouco desajeitado e decaído; mas, olhando melhor, logo se percebia nele um senhor que se distinguia pela mais elevada educação aristocrática recebida em tempos. Ainda agora os modos de Veltchanínov eram desenvolvidos, ousados e até graciosos, apesar de todo o seu ar rabugento e desajeitado. Mesmo agora era cheio da mais firme e ousada autoconfiança, de cuja dimensão talvez ele próprio nem suspeitasse, apesar de ser um homem não só inteligente, como por vezes até sensato, quase erudito e com indubitáveis talentos. O seu rosto, aberto e corado, distinguia-se outrora por uma ternura feminina que atraía a atenção das mulheres; e mesmo agora, uma ou outra, ao olhar para ele, dizia: «Olha que vigoroso, é sangue e leite!» E, no entanto, aquele homem «vigoroso» estava cruelmente atacado de hipocondria. Os seus olhos, grandes e azuis, tinham também, dez anos antes, qualquer coisa de vitorioso, eram uns olhos tão claros, tão alegres e despreocupados, que atraíam involuntariamente todas as pessoas com quem ele se encontrava. Agora, perto dos quarenta anos, a clareza e a bondade quase se extinguíram naqueles olhos, já rodeados de pequenas rugas; pelo contrário, apareceram neles o cinismo de um homem não inteiramente moral e cansado, uma astúcia, uma zombaria cada vez mais frequente e mais um outro matiz que antes não existia: um matiz de tristeza e de dor — uma qualquer tristeza difusa, como que indefinida, mas forte. Essa tristeza manifestava-se sobretudo quando ele ficava sozinho. E, coisa estranha, este homem buliçoso, ale-

gre e disperso ainda há poucos anos, que contava de modo tão agradável umas histórias muito divertidas, agora só gostava de ficar sozinho. Abandonara deliberadamente muitos dos seus conhecidos, os quais mesmo agora podia não ter abandonado, apesar da completa desordem dos seus assuntos financeiros. É verdade que para isso muito contribuiu a vaidade: com a sua desconfiança e a sua vaidade não era possível suportar os antigos conhecidos. Mas também a sua vaidade foi mudando pouco a pouco na solidão. Ela não diminuiu, antes pelo contrário; mas começou a degenerar num género especial de vaidade, que dantes não tinha: começou por vezes a sofrer por outros motivos diferentes dos anteriores — motivos inesperados e dantes completamente impensáveis, motivos «mais elevados» do que até então —, «se é permitido expressar-se assim, se realmente existem motivos superiores e inferiores...» Isto era ele que acrescentava.

Sim, chegou a esse ponto; debatia-se agora com motivos *superiores*, nos quais dantes nem pensaria. Na sua consciência, chamava motivos «superiores» a todos aqueles em consequência dos quais (para sua surpresa) não podia de modo nenhum rir-se — o que nunca antes acontecera — para si mesmo, naturalmente; oh, em sociedade o caso era diferente! Ele sabia muito bem que bastava conjugarem-se as circunstâncias — e logo no dia seguinte, apesar de todas as decisões piedosas da sua consciência, renegaria em voz alta e com toda a tranquilidade todos esses «elevados motivos» e seria talvez o primeiro a rir-se deles, sem, naturalmente, confessar nada. E era de facto assim, apesar de uma certa e até muito significativa dose de independência de pensamento, que conquistara nos últimos tempos sobre essas «elevadas razões» que até então o haviam dominado. E quantas vezes ele próprio, ao levantar-se da cama de manhã, começava por ter vergonha dos seus pensamentos e sentimentos que lhe ocorriam durante uma noite de insónia! (E nos últimos tempos sofria frequentemente de insónias.) Já notara há muito que se tornava extremamente desconfiado em relação a tudo, tanto às coisas importantes como às bagatelas, e por isso decidiu confiar o menos

possível em si próprio. Mas surgiam, em todo o caso, factos que era impossível não considerar como realmente existentes. Nos últimos tempos, às vezes durante a noite, os seus pensamentos e sensações mudavam quase completamente em comparação com as habituais e na sua maior parte não se pareciam com as que lhe ocorriam na primeira metade do dia. Isto deixava-o estupefacto — o que o levou mesmo a consultar um médico famoso, na verdade um conhecido seu; é claro, começou a falar com ele em tom de gracejo. Recebeu como resposta que a alteração e até o desdobraimento dos pensamentos e das sensações em noites de insónia, e durante a noite em geral, é um facto comum entre as pessoas «de pensamentos e sensações fortes», que as convicções de toda uma vida mudavam de repente sob a influência melancólica da noite e da insónia; de repente, sem mais nem menos, tomavam-se as decisões mais fatídicas; mas, claro, tudo com certa medida — e se, no fim de contas, o sujeito já sentia demasiado em si esse desdobraimento, de tal modo que começava a sofrer, isso era o sinal indubitável de que já se declarara uma doença; e, portanto, era necessário tomar ineditamente alguma medida. O melhor de tudo era alterar radicalmente o modo de vida, mudar a dieta ou mesmo fazer uma viagem. Um laxativo seria sem dúvida útil.

Veltchanínov não quis ouvir mais; mas a doença fora-lhe completamente demonstrada.

«Pois bem, tudo isto é apenas doença, todas estas “elevadas razões” são apenas doença, e nada mais!» — exclamava ele para consigo com mordacidade. Não tinha vontade nenhuma de concordar com isso. Em breve, de resto, também de manhã passou a repetir-se a mesma coisa que acontecia apenas a determinadas horas da noite, mas com mais fel do que durante as noites, com raiva em vez de remorso, com sarcasmo em vez de comoção. No fundo, eram alguns acontecimentos da sua vida passada, há muito tempo passada, que, «de repente e só Deus sabe porquê», lhe vinham cada vez com mais frequência à memória, mas que lhe ocorriam de um modo especial. Por exemplo, havia já muito tempo que Veltchanínov se queixava de perdas de memória: esque-

cia-se das caras de pessoas que conhecia, as quais, quando o viam, se sentiam ofendidas; um livro que lera seis meses antes, esquecia-o por vezes completamente nesse período. E então? — apesar dessa evidente perda diária de memória (que muito o preocupava) — tudo o que se referia ao passado mais distante, tudo o que durante dez ou quinze anos estivera já completamente esquecido —, tudo isso lhe vinha agora por vezes à memória, mas com tão magnífica precisão de impressões e de pormenores, que lhe parecia estar a vivê-los de novo. Alguns dos factos recordados estavam de tal modo esquecidos que até lhe parecia um milagre que os pudesse recordar. Mas isso ainda não era tudo; pois quem é que, de entre as pessoas que viveram alguma coisa, não tem algum tipo de recordações? A questão, no entanto, é que tudo aquilo que recordava aparecia-lhe agora com um ponto de vista inteiramente novo, inesperado e antes completamente impensável, preparado sabe-se lá por quem, sobre esse facto. Por que razão algumas recordações lhe pareciam agora crimes? E não se tratava apenas da sentença do seu espírito: ele não confiaria no seu espírito sombrio, solitário e doente; mas chegava até às maldições e quase até às lágrimas, se não externas, ao menos interiores. Ainda dois anos antes não teria acreditado, se lhe dissessem que algum dia havia de chorar! De resto, a princípio, recordava-se mais não das coisas sentimentais, mas das coisas mordazes: recordava alguns fracassos na sociedade, algumas humilhações; recordava, por exemplo, como tinha sido «caluniado por um intriguista», o que tivera como consequência que deixassem de recebê-lo numa certa casa — como, por exemplo, e não havia assim tanto tempo, havia sido absolutamente ofendido em público, e não tinha desafiado o ofensor para um duelo; como certa vez o deixaram embaraçado com um espirituoso epigrama num círculo das mais bonitas mulheres e ele não achou nada que responder. Recordou mesmo duas ou três dívidas não pagas, é certo que insignificantes, mas dívidas de honra e a pessoas com as quais deixara de conviver e de quem passara a dizer mal. Atormentava-o também (mas só nos momentos mais biliosos) a lem-

brança das duas fortunas dilapidadas, ambas consideráveis. Mas em breve começou a recordar coisas «mais elevadas».

Por exemplo, de repente, sem mais nem menos, vinha-lhe à memória a figura esquecida — e profundamente esquecida — de um velho funcionário bondoso, grisalho e ridículo, por ele ofendido em tempos, há muito tempo, em público e impunemente, e apenas por fanfarronice: só para não deixar passar em vão um trocadilho engraçado, que lhe granjeara alguma glória e que as pessoas depois repetiam. O facto estava de tal modo esquecido que ele nem conseguia lembrar-se do nome do velhote, se de repente se lhe apresentasse toda a situação desse incidente com uma inacreditável clareza. Recordou claramente que na altura o velhinho defendia a sua filha, que vivia com ele e que tinha ficado solteirona, e sobre a qual começaram a circular na cidade certos rumores. O velhinho começou por responder e irritar-se, mas de repente pôs-se a chorar, a soluçar diante de toda a sociedade, o que causou uma certa impressão. Acabaram por embebedá-lo com champanhe, por brincadeira, e fartaram-se de rir. E quando agora Veltchanínov se lembrou, «sem mais nem menos», do modo como o velhinho soluçava e tapava a cara com as mãos, como uma criança, pareceu-lhe de repente que nunca o tinha esquecido. E, coisa estranha: tudo aquilo lhe parecera então muito divertido; e agora era precisamente o contrário, e justamente os pormenores, justamente o modo como ele escondia a cara com as mãos. Depois lembrou-se de como, apenas por brincadeira, tinha caluniado a muito bonita esposa de um professor primário e a calúnia chegou aos ouvidos do marido. Veltchanínov abandonou pouco depois essa pequena cidade e não sabia quais tinham sido então as consequências da sua calúnia, mas agora começou de repente a imaginar essas consequências — e só Deus sabe aonde chegaria a sua imaginação, se de repente não se lhe tivesse representado uma outra recordação, muito mais recente, de uma jovem simples da pequena burguesia, de que ele nem sequer gostava e da qual, francamente, tinha vergonha, mas com a qual, sem saber porquê, pusera no mundo uma criança e que depois abandonou

juntamente com a criança, sem sequer se despedir (na verdade, não teve tempo), quando partiu de Petersburgo. Mais tarde procurou essa jovem durante um ano inteiro, mas já não houve maneira de encontrá-la. De resto, recordações como essas revelaram-se quase às centenas — e de tal modo que era como se cada recordação arrastasse atrás de si dezenas de outras. Pouco a pouco até a sua vaidade começou a sofrer.

Já dissemos que a vaidade dele degenerou em qualquer coisa de especial. Isso era justo. Em certos momentos (aliás raros), chegava por vezes a um tal desprendimento de si mesmo que nem tinha vergonha sequer de não possuir a sua própria carruagem, de correr a pé pelas repartições públicas, de se ter tornado um tanto negligente no seu vestuário — e se acontecia que um ou outro dos seus velhos conhecidos o media na rua com um olhar trocista ou se lembrava de fingir que não o conhecia, ele enchia-se realmente de tanta arrogância que nem se perturbava. Não se perturbava a sério, e não apenas para fingir. É certo que isso não acontecia todos os dias, eram apenas alguns momentos de desprendimento e de irritação, mas em todo o caso a sua vaidade afastava-se pouco a pouco dos anteriores motivos e concentrava-se à volta de uma questão que lhe vinha constantemente ao espírito.

«Pois é — punha-se ele por vezes a pensar de um modo satírico (e quase sempre, ao pensar em si mesmo, começava de modo satírico) — pois é, alguém se preocupa lá em corrigir a minha moralidade e envia-me estas malditas recordações e “lágrimas de arrependimento”. Deixá-lo, mas é inútil! Tudo isso são tiros de pólvora seca! Pois não sei eu de certeza, mais certo que certeza, que, apesar de todos esses arrependimentos lacrimosos e das autocondenações, não há em mim nem um pingo de independência, apesar de todos os meus estúpidos quarenta anos! Porque se amanhã se apresentasse essa tentação e se conjugassem as circunstâncias de tal modo que me fosse proveitoso lançar o boato de que a mulher do professor tinha recebido presentes de mim, eu por certo lançaria o boato sem hesitar — e o caso seria ainda pior, de

um modo mais sujo que da primeira vez, porque essa vez seria já a segunda, e não a primeira. E se aquele principelho voltasse a ofender-me, agora, esse filho único da sua mamã, e a quem eu, há onze anos, esfacelei uma perna com um tiro — eu voltava a desafiá-lo logo e a pôr-lhe outra perna de pau. E é claro que não seria um tiro de pólvora seca, pois de que serviria isso!, e para quê recordar, quando não sou capaz de me entender minimamente comigo mesmo!?»

E embora não voltasse a repetir-se a história com a mulher do professor, embora não voltasse a pôr em ninguém uma perna de pau, o simples pensamento de que isso deveria por força repetir-se, quase o matava... por vezes. Em todo o caso, não se pode estar sempre a sofrer com as recordações; podemos descansar e divertir-nos — nos intervalos.

Era isso que Veltchanínov fazia: estava disposto a divertir-se nos intervalos; mas, ainda assim, quanto mais tempo passava, mais desagradável se lhe tornava a vida em Petersburgo. Aproximava-se o mês de Julho. Ocorria-lhe momentaneamente a decisão de abandonar tudo, incluindo o próprio processo judicial, e partir para qualquer parte sem olhar para trás, assim sem mais, de repente, ao acaso, nem que fosse para a Crimeia, por exemplo. Mas, habitualmente, uma hora depois já desprezava essa sua ideia e ria-se dela: «Estas ideias indecentes, não será ir para o sul que lhes porá fim, se elas surgiram e se eu sou um homem ao menos um pouco decente, e portanto não há que fugir-lhes, o que não serviria de nada.»

«E para quê fugir — continuava a filosofar com amargura — tudo aqui é tão poeirento, tão abafado, está tudo tão sujo nesta casa; nessas repartições públicas por onde deambulo entre todos aqueles homens de negócios — é uma tal azáfama de ratazanas, um tão grande desassossego de feira; em todas essas pessoas que ficaram na cidade, em todos esses rostos que me passam pela frente desde manhã até à noite — que mostram com toda a ingenuidade e franqueza o seu egoísmo, todo o seu descaramento, toda a cobardia das suas pequenas almas, dos seus coraçõezinhos

de galinha — que na verdade isto aqui é o paraíso do hipocondríaco, falando com a maior franqueza do mundo! Tudo é franco, tudo é claro, ninguém acha sequer necessário ocultar-se, como algures as nossas damas nas *datchas*, ou nas termas estrangeiras; e, portanto, tudo é mais digno de respeito só pela simplicidade... Não vou para lado nenhum! Posso rebentar aqui, mas não me vou embora para lado nenhum!...»